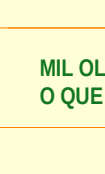


**VAI, Ó JUSTO,  
CRAVA OS OLHOS NOS MAIS ALTOS CUMES, NÃO TE  
ABATAS, NEM TE DESVIES, PORQUE LONGA E DIFÍCIL  
SERÁ A TUA JORNADA.  
DE TI DIRÃO MALEDICÊNCIAS OS POBRES  
INSTRUMENTOS DAS IMPERFEIÇÕES DA ALMA...**  
(...)

©ONAIR NUNES DA SILVA, A SAGA DO JUSTO, POEMA, INÍCIO  
TRECHO FINAL DE A CONSPIRAÇÃO DOS MEDIÓCRES.



**MIL OLHOS SEJAM, AINDA ASSIM SERÁ IMPOSSÍVEL PERSCRUTAR  
O QUE VAGUEIA PELOS ESCONSOS DA ALMA**

Por razões que fogem ao controle e à compreensão do blog, desapareceram sem deixar vestígios ou explicação todos os artigos de Agosto a Dezembro de 2019. Não é um fato estranho ou novo. Notas aqui foram lançadas, ao longo do tempo, sobre toda sorte de irregularidades passíveis de ocorrência em um veículo de comunicação como este, apontando-se um em particular, que recebeu o título ‘ONDE ESTÃO OS ARQUIVOS QUE ESTAVAM AQUI’, paráfrase a Tadeu Schmidt em tese por ele criada no Fantástico, ao qual fará muita falta, sem dúvida, a presença de sua colega de apresentação das noites de domingo, que permanecerá, até onde se sabe.

Havia mais no texto de introdução a este Post. Que simplesmente foi cortado por uns sujeitos que desde ontem estiveram a cada minuto tentando atrapalhar de todos os modos sua publicação; como não conseguiram, obraram esta maravilha que lhes estou apresentando e que só constatei no momento em que estava fazendo o upload. Devem estar muito orgulhosos da sua façanha, o que, aliás, não é de estranhar; esse é quadro mais eloquente do Brasil que estamos vivendo. Eles são provavelmente os responsáveis pelas irregularidades aborridas. E estão pertinho.

Fico por aqui, vou ver e ouvir o Azevedo e o Villa – por ordem alfabética; eles são os pais da matéria.

Alinho a seguir os textos criminosamente surrupiados e apagados do blog referentes a Agosto de 2019. Pelo surrupio e apagamento, e pelo que vem acontecendo, isto não está parecendo apenas desejo de prejudicar, atrapalhar, está recedendo a roubo, o que também não é novidade. Chama a atenção a determinação de, pelo menos tentarem, evitar que os meus textos sejam publicados, que as minhas músicas sejam divulgadas ou gravadas, que a minha edição de ‘O GAÚCHO’ tenha sumido sumido após publicada, que as coisas que faço sejam podadas de todas as maneiras, tudo temperado com muita futrica, maledicência e baixaria. A história de Marie-Anne e Jean-Philippe merece capítulo especial nesta novela suja. Tentaram roubar, inclusive, o tema da heroína, ‘Nane – Uma Canção de Amor para Marie-Anne’, entre outras músicas.

E ELES ESTÃO PRESENTES. ACABARAM DE COPIAR ESTE TEXTO. USO O MAIS EFICIENTE EDITOR DE TEXTO DISPONÍVEL, QUE ACUSA TODAS AS PATRANHAS DOS DELINQUENTES.

Não sei se houve cortes ou apagamentos, não verifiquei. Revisarei todo o texto nos próximos dias; se houve, farei as correções e republicarei.



## PREVIDÊNCIA, ORÇAMENTO, CAPITALIZAÇÃO, A CONSPIRAÇÃO, EXCERTOS.

**REPUBLICAÇÃO—ARTIGO DE 03 DE JANEIRO DE 2018  
A COISA CONSEGUE SER PIOR DO QUE SE IMAGINA (REVISTO)**

(...)

(...). Os senhores metafísicos veem coisas onde ninguém consegue enxergar-las, parecem impresados contra a parede. Esse tipo de reforma é coisa de médio e longo prazo, mexe com a vida de todo mundo. Ninguém fala em prensa nos grandes devedores da Previdência antes de reformas profundas. A alegação de déficit precisa ser explicitada demonstrando por meio de números auditáveis sua existência por segmento laboral, suas causas reais e sua exata dimensão. O panorama não é muito seguro, (...). E que fique bem claro, Previdência nada tem em essência a ver com a operatividade da Economia; (...). É consequência, não causa.

Qual a real posição dos grandes devedores da Previdência na reforma em curso? A quanto monta o seu débito, que percentual representa do déficit alegado e do déficit real? Qual o grau de risco de que tais débitos, ou boa parte deles, acabe na conta de quem contribui para fins previdenciários, apenas para fins previdenciários, e eles se saiam favorecidos? Parcelas dos fundos previdenciários são aplicadas em rubricas que lhe são estranhas? Em que montante, quanto isso representa? A pergunta a seguir não é minha, é de um especialista assentado em sólida formação jurídica — um outro dia o blog a reproduziu, entre outras, ao falar do assunto—, que de tão lógica, causa estupefação: Se a Previdência é deficitária, por que os trinta bilhões reservados para gastos eletivos? A prática, a experiência em administração econômica ensina que o Orçamento é peça-chave, um roteiro, um *business-plan*, mesmo para a Administração Pública; os negócios públicos são apontados no mundo profissional dos negócios como um de seus elementos. E se assim não fosse, para que Orçamento, ao qual nos remetemos pelo congelamento de verbas da Educação, que, a ser jogada no lixo, nada feito a mais se justificará, dado que se não se educar com carinho, e recursos, o país continuará sem futuro e cada vez pior. Estamos chegando ao limite neste quesito.

Antes da conclusão da reforma da Previdência todos esses pontos precisam ficar meridianamente claros. A situação é muito delicada e séria, (...). Os números têm muito mais força, por que tanta resistência à sua apresentação? Ninguém, em sã consciência, é contra a adequação da Previdência, com método, com os instrumentos que a natureza da matéria, que afeta essencialmente todos os habitantes do país, exige. Capitalização? É assunto para ser debatido à exaustão. Todo o cuidado é pouco para não transformar os trabalhadores, na hora da aposentadoria, em miseráveis. A capitalização, em seu modo corrente, só é boa para a instituição financeira; ela perde rotineiramente para a inflação. Até quando os juros e os preços ficarão nos patamares em que estão? Que se tenha em mente haver mais de um modo de capitalizar. Qual seria o modo, não o modelo, a ser adotado? Onde tal “avanço”, em igual nível cultural e social ao do Brasil, deu certo? Para os menos ou mal aquinhoados, que aposentarem, por aqui, a larga base da pirâmide, não para quem pode pagar uma Contribuição Complementar ou para os beneficiários da integralidade dos seus últimos ganhos mensais. Demonstre-se, de modo enxuto e claro. Quem está habituado ao trato com os números sabe que se faz o que se quer com eles, alinha-se uma série predeterminada, mostra-se a floresta, não se mostram as árvores, por trás das quais se podem esconder fantasmas ocasionais, ainda lá não colocados, mas que, propiciados, surgem, assim, digamos, naturalmente. É da nossa cultura, cansamos de ver isso por aqui.

As coisas não estão claras o bastante. Sem Educação, sem serviços de Saúde decentes e com aposentadorias que mal darão para comer o que será da nossa gente do futuro?



## A EVOLUÇÃO E O HOMEM

(...)

A evolução é implacavelmente seletiva; não logrando generalizar a qualidade, refuga classes, linhas inteiras, privilegiando ao produto superior a novo começo desembragaço de fatores degenerativos. Não aleatória, sequencial e lógica, obedece a um plano inteligente, esquadrinhando cada evento, avaliando alternativas, reprogramando-se; rebuscando-se inviável, o projeto é abortado. Dá-se, todavia, o fato desconcertante de selvastirem versões obsoletas de produtos quase plenamente desenvolvidos, como os ornitorrincos, ordem de monotremados que hoje parecem extravagâncias da natureza; põem ovos como répteis, mas amamentam os filhotes como mamíferos, têm pêlos e sangue quente, enquanto os répteis têm pele lisa e sangue frio. Chassis precário do sinapsídeo, parente chegado do mamífero ancestral, são verdadeiros fósseis vivos, meio de caminho entre o réptil e o mamífero; permaneceu por causa de inexplicável cochilo, imponderável a razão porque o severo controle de qualidade da evolução não o eliminou completamente, como faz de regra com os modelos superados, poupando apenas os itens com aptidão para evoluírem na mesma família; não foi o caso do ornitorrinco, esgotado em si mesmo. Alternativas à parte, só num caso isolado foi feita uma adaptação; a julgar pelos resultados, não parece ter dado muito certo.

(...)

©Onair Nunes da Silva – Terra, A Substantivação da Vida/A Conspiração dos Mediócrés



## O UNIVERSO – A EVOLUÇÃO

No amanhecer da sétima e última eternidade, limite da Criação, os germens dos seres e das coisas fecundaram os óvulos da vida, abrindo caminho para os fenômenos físicos e inaugurando a Evolução.

O fascinante Universo nascido do parto da sétima eternidade seria, mais que um quebra-cabeças, um todo racional produzido por fenômenos desconhecidos que culminaram numa explosão de força inimaginável seguida de explosões menores, uma cadeia orgânica regida por uma força inteligente alheia ao fortuito, refratária ao acidental, de vocação sistêmica, inclinada para a conjugação de antecedentes e consequentes. Eventos-causa, razões pretéritas, influenciariam, antecipando, causas e efeitos, não importando o quanto remoto fossem os eventos-causa, que correriam no leito do tempo, em fluxo contínuo, sem liames com a contemporaneidade-de.

A índole expansiva do Universo o arruinaria. O modo inflacionário do primeiro segundo desdobrado para o modo permanente da ampliação gradual levaria, em sua maturidade, as galáxias a se espaçarem umas das outras à distâncias tão fantásticas que a força de repulsão consequente da troca de fótons pelos elétrons seria diretamente inversa ao aumento das distâncias entre elas, provocando redução na troca de grávitons e fazendo prevalecer a ação gravitacional da matéria escura.

(...)

©Onair Nunes da Silva – Emergindo do Caos/A Conspiração dos Mediócrés



## REMEMORANDO E REGISTRANDO

**O artigo abaixo foi publicado originalmente em 10 de Maio de 2015; é tão ou mais atual do que quando escrito. Em seguida a ele, transcrevo a publicação de 20 (vinte) de Janeiro de 2011 compreendida por texto alegórico que diz de realidade bem presente, e por pequeno excerto do livro/capítulo VIII de A Conspiração dos Mediócrés, O Reencontro; no capítulo, escrito há mais de 15 (quinze) anos (na verdade há mais de vinte - anos), eu conto a história de Marie-Anne e Jean-Philippe. Ambos estão há bom tempo em [onairnunesblog.com](http://onairnunesblog.com) para quem os quiser ler. E a partir de agora aqui em [onairnunes.com/Wix](http://onairnunes.com/Wix).**

## O DIREITO NATURAL, A LEI E AS TENDÊNCIAS DISSOLVENTES

Nos estados inferiores da vida humana sua finalidade é incerta e mutante; no horizonte intelectual e moral do homem educado, a vida é como uma obra de arte concebida em seu conjunto como um projeto de realização de exigências do direito natural, que não se fundamenta na vontade de homens, em constante mutação. No campo do direito natural, o direito é preexistente; a lei que o define e normaliza é somente modo de sua instrumentação. Não se pode, pois, dispor daquilo sobre que não se tem nenhum direito, pressuposto da lei, derivada para a convenção quando se trate de acordar a propósito do que é por ela permitido.

O direito tem caráter objetivo fundado na natureza humana, nas necessidades que, atendidas, resultam no desenvolvimento material e moral das Sociedades, criando condições para o seu progresso espiritual. É a razão que anima o direito na busca de aperfeiçoar-se; é o desejo de aperfeiçoamento, um dos atributos da natureza, que o põe em movimento. Mas a inteligência e a aspiração do bem se podem frustrar com medidas inovadoras que se queiram desenvolvimentistas quanto às relações sociais. O aperfeiçoamento da lei tem os seus limites no concerto da maioria; a lei consagrada à minoria é demagógica, injusta e antinatural. Em qualquer hipótese, porém, o direito resta eterno como a necessária dignidade e intocabilidade da vida humana, sem as quais ela perde sua razão de ser posto serem esses os seus elementos formadores e impulsionadores; qualquer estado a menor disso a descaracteriza, retroage o ente civilizado ao seu caminho entre o mono e o homem. Integrado e adaptado à Sociedade, o seu conceito de liberdade jamais extrapolará os limites da lei, refratária a pretensões, regras ou costumes que lhe sejam estranhos.

O princípio da liberdade, por fim, aplicado com rigor crítico às doutrinas e formas religiosas, foi transportado para o domínio social e político. Disseminando-se, ele penetra amplamente nas camadas populares; toda tentativa de destruí-lo ou elidí-lo é contrária aos designios da natureza e agride os preceitos do direito natural. A longo prazo é uma quimera. Esse princípio deve manter-se em harmonia com todos os pressupostos morais e éticos, que se houverão de conservar e proteger contra as tendências dissolventes que com frequência se associam aos movimentos liberais e renovadores dos tempos modernos.

(Baseado em Henri Ahrens, Cours de Droit Naturel ou de Philosophie du Droit, Bruylant-Christophe et Cie., Bruxelas, Bélgica, 1860)



## ARQUIVOS MENSAIS: JANEIRO 2011

Posted by onairnunesblog In Uncategorized ≈ Deixe um comentário

20

**Almas penadas, trickster e excerto**

**Quinta-feira**

Os textos consistentes sobre fantasmas – aqueles que não se limitam a contar sobre eles histórias para os aficionados – são alegorias; neles nem todas as palavras têm o sentido corrente. No texto do qual decorre esta postagem povoado não é exatamente um aglomerado de pessoas vivendo em determinado lugar, estando não é propriamente um barulho e assustado, palmeiral não designa necessariamente um conjunto de palmeiras e ensustado não quer dizer amedrontado, aterorizado. São recursos literários para transmitir alguma coisa. Usei este método no livro para descrever o nascimento do Universo.

E, sobre fantasmas, uma paráfrase do dito popular espanhol: *Yo no creo en almas en pena, pero...*

O povoado está penalizado.

Investigados os últimos acontecimentos, verifiquei-se tratar-se de pobres espíritos errantes, almas penadas, dessas que assombram casas em cujo piso fazem cair objetos, acendem luzes em corredores escuros, produzem estranhos ruídos. Quando vagam por aí seguindo pessoas lembram o trickster, descrito por Otávio Mendes Cajado, tradutor de Loren Eiseley em o Universo Inesperado, Cultrix, São Paulo, do qual tomei emprestado o primeiro trecho do Capítulo 4, O Inverno Celérrico, para epígrafe do livro/capítulo cujos excertos ofereço a seguir. Em nota de pé, à página 54, Cajado descreve o trickster como um ser malicioso e sobrenatural, encontrado no folclore de vários povos primitivos, onde desempenha, não raro, o papel de herói cultural, e muito dado a caprichosas demonstrações de astúcia e fraude.

No corpo da página, entre as 170 do seu livro, culturalmente rico, ao mesmo tempo em que simples e delicado, para ser lido com os olhos do coração, Eiseley diz do trickster:

(...) às nossas costas, mascarado e demoníaco, como lhe vi o papel representado entre os remanescentes de um povo selvagem, há muito tempo. Era o papel do chalaceado presente à mais devota das cerimônias. Essa criatura nunca se ria; nunca emitia um som. Pintada de preto, seguia em silêncio o sacerdote oficiante, arremedando, com o floreio acrescentado de um pequeno chicote, os gestos do devoto celebrante. Os seus trajetos estilizados, nos momentos precisos, comunicavam uma zombaria infinitamente mais formidável do que o verdadeiro riso.

O trickster é um farsante. Materializado, mantém apenas a astúcia e a vocação da fraude: pode ser vislumbreado, até fotografado, por caça-fantasmas experientes. Modernamente, assume formas humanas diversas, não se pinta de preto; às vezes usa roupas ridículas. Ele é ridículo.

Almas penadas e trickster, quando percebidos e/ou referidos, entram em grande atividade, não se alcança exatamente porque, salvo no revide ou para se mostrarem, como se dissessem: Eu sei, você está preocupado, eis-me aqui! Nada direito, porém, aberto, honesto. Pobrezinho, não, não é isso! Como espíritos desorientados que são, dão-se a si muito além do que merecem e se festejam numa celebração melancólica que mais os afunda na escuridão de sua primariedade. Os habitantes do povoado conclamam-se, e a quantos possam, para orar por esses espíritos sem luz, doutriná-los, fazê-los compreender que por aqui já não têm lugar. Num mundo civilizado, superiormente estabelecido, entre pessoas educadas e bem formadas, a sua primariedade, embora a estafada expressão, está fora de contexto.



## LIVRO VIII O REENCONTRO

Chega um momento em que criaturas passados destinos se cruzaram em algum ponto do caminho remoto são obrigadas a ajoizar umas das outras como se fossem totalmente estranhas.

(Loren Eiseley – O Universo Inesperado, Cultrix, S. Paulo, p. 66 – Tradução de Otávio Mendes Cajado)

Adriano vivia no lado leste da ilha em companhia dos pais e irmãos em uma casa branca de aspecto acolhedor plantada no pequeno recôncavo situado entre as praias do Sudeste e Santa Helena, de frente para o mar azul esverdeado que contornava o Pontal e ia lambear as bordas da terra interior, formando pequena baía. Uma faixa de areia muito branca garmecia a marinha desde a grande pedra que delimitava o recôncavo pelo lado da Praia do Sudeste, estendendo-se como alvo lençol até um pouco além da cabana de Aterio, o pescador, que ficava quase na curva para Santa Helena, a partir de onde a areia tornava-se grossa, de tom dourado. A casa, a que se chegava pela praia quando a maré estava baixa, era alcançada na maré montante por um caminho rasgado na encosta do morro, a cavaleiro do mar, desde a Praia do Sudeste, serpenteando entre árvores e arbustos crescidos sobre um verde tapete de capim-limão; ficava por trás de uma cinta estreita e longa de sapê que separava da praia o quintal de areia fina coberto de cajueiros, pitangueiras e coqueiros nativos.

Era agosto, quase setembro, quando as pitangueiras começavam a florir. Da chácara, na vertente do morro, atrás da casa, vinha um ou outro canto de cigarra, dando aos dias já claros e azuis um “quê” do morno início de primavera da região, a despeito do amanhecer tardio e da brisa fresca, quase fria, que soprava nos fins de tarde, vinda do oceano grosso dobrado para além do Pontal, do lado esquerdo, e do alto promontório alcantilado, à direita, que formavam a boca da barra.

(...)

